



**A
FI
NI
DA
DES
TRANS
PA
RÊN
CI
AS**

novos artistas
outras propostas

OLIVIA REIS
GALERIA DE ARTE

U. PORTO
FACULDADE DE BELAS ARTES
UNIVERSIDADE DO PORTO

b

a **belas-artes**
 ulisboa

  
VICARTE FACULDADE DE
 CIÊNCIAS E TECNOLOGIA
 UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

A
FI
NI
DA
DES
TRANS
PA
RÊN
CI
AS
novos artistas
outras propostas

FICHA TÉCNICA

Organização

Galeria Olívia Reis
Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto
Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa
Vicarte - Vidro e Cerâmica para as Artes FCT/UNL

Coordenação

Teresa Almeida
Olívia Reis
Ana Margarida Rocha

Textos

Olívia Reis, Teresa Almeida, Ana Margarida Rocha, Ana Teixeira, Andreia Pereira,
Bárbara Jasmíns, Cassandra Pereira, Daniela Pinheiro, Daniela Ribeiro,
Domingos Alves Sá, Joana Silva, João Freitas, Mariana Pereira, Marta Belkot,
Miguel Matos Gomes, Parinaz Faghihi, Paulo Lourenço, Sabina Couto,
Sandra Laranjeira, Vera Soares.

Fotografia

Artistas em exposição

Design

Ana Margarida Rocha

Edição

FBAUP

ISBN

Setembro de 2019

TEXTO OLÍVIA

Teresa Almeida

Professora Auxiliar do Departamento de Artes Plásticas da Universidade do Porto, na Faculdade de Belas Artes.

Membro integrado do Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade.

Membro integrado da Unidade de Investigação VICARTE - Vidro e Cerâmica para as artes - Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa.

O vidro é dotado de um conjunto de características relevantes e especiais como a transparência, luminosidade, cor, translucidez e opacidade que o tornam único e peculiar, fascinando aqueles que o trabalham.

O ensino da arte em vidro é lecionado em todo o mundo, desde os primeiros ciclos de estudo até às pós-graduações, com cursos especializados, inserido nos planos curriculares de várias universidades. Nas faculdades de Belas Artes do Porto e Lisboa (FBAUP e FBAUL), o ensino desta tecnologia é uma unidade curricular (UC) opcional das licenciaturas de Design e Artes Plásticas. Muitos são os estudantes que se inscrevem nestas UC's, uns curiosos pelo potencial que este material proporciona, outros ainda com o intuito de alargarem o leque de experimentação aos trabalhos que se encontram a desenvolver nos projetos autorais. Assistimos também

a um crescente interesse por parte dos estudantes em continuarem a explorar este material, tanto a nível de mestrado, como de doutoramento. A unidade de investigação VICARTE (vidro e cerâmica para as artes) tem realizado várias conferências, palestras e seminários. Em outubro de 2005 organizou em Portugal o encontro internacional "Glass Science in Art and Conservation" em Lisboa e Marinha Grande. Em 2006 e 2007 organizou palestras sobre o vidro na FBAUL. Em 2008 realizou-se a segunda conferência "Glass Science in Art and Conservation", desta vez em Valência, Espanha com a participação de vários membros da VICARTE, (Almeida, 2011) esta conferência encontra-se agora na sua 5ª edição, realizando-se de 3 em 3 anos, estando prevista a sua realização para o próximo ano de 2020. Em 2009 iniciou-se o mestrado "Glass art and Science" uma parceria entre a FCT/UNL e a FBA/UL. É um mestrado Internacional que procura uma colaboração entre a arte e a ciência, e onde são admitidos quer estudantes que possuam uma vertente artística quer científica. No ano letivo de 2018/19, o mestrado passa a designar-se por 'Glass and Ceramic Art and Science'. Até 2009, ano que comecei a lecionar na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, o ensino

do vitral estava muito associado à realização de um vitral clássico. Nesse ano começaram as colaborações com o Crisform (Centro de formação para a Cristalaria), onde se realizaram as primeiras formações de vidro soprado. A colaboração permanece com o Cencal (Centro de formação para a indústria cerâmica) onde várias formações na área do vidro continuam a ser realizadas.

Procurou-se, também nesta altura reformular o programa para que novas técnicas de trabalhar o vidro fossem introduzidas, nomeadamente: fusão; sumpling, serigrafia em vidro, vidro laminado (vidro colado), gravação em vidro, foscagem em vidro e ainda pastel sobre vidro, kilncasting: casting e pâte-de-verre o que, sem dúvida, abriu novas perspectivas nesta área artística (Almeida, 2019).

O desafio foi lançado pela Galeria Olívia Reis em Espinho, no sentido de apresentar o que está a ser desenvolvido nesta área. Assim, os três estabelecimentos de ensino acima mencionados (FBAUP; FBAUL e VICARTE) encontram-se aqui representados. O convite foi feito ao Professor Fernando Quintas da FBAUL para que seleciona-se alguns estudantes e da Vicarte veio Joana Silva, uma designer de formação com ligação ao Cencal.

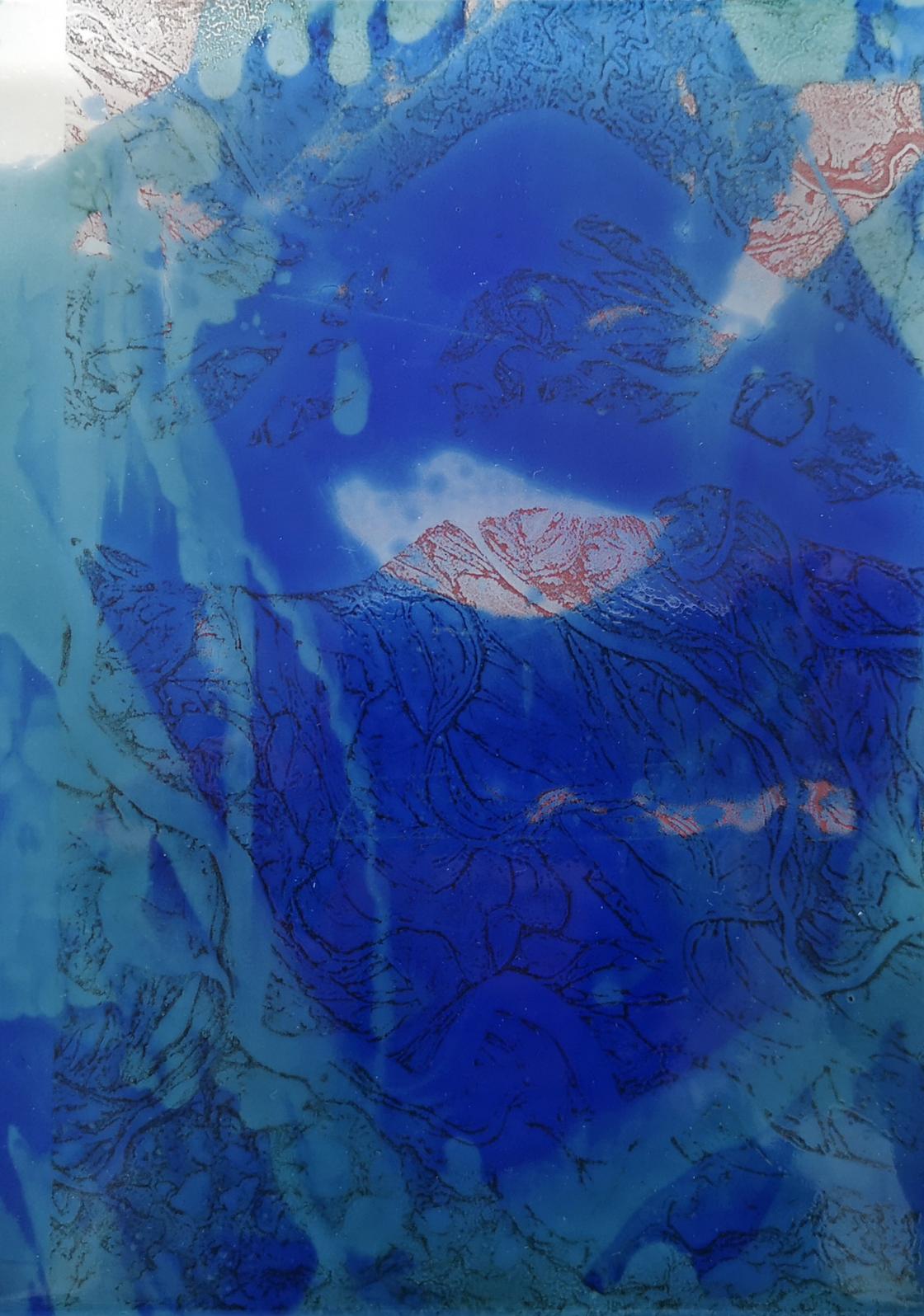
O conjunto de obras aqui expostas

em "Afinidades e transparências/novos artistas, outras propostas" apresenta uma panóplia de trabalhos com uma vasta diversidade técnica e conceptual, expondo uma arte em vidro contemporânea e atual. Conseguimos visualizar obras de estudantes de licenciatura, mestrado e doutoramento. Novos artistas, que exploram e reformulam este material ancestral, dando a conhecer que a arte em vidro é mais do que peças de vidro soprado, ou vitrais de igrejas a que tanto estamos habituados. Esta exposição procura abordar de uma forma categorial o que se está a fazer em Portugal na arte do vidro.

Almeida, T. (2011). O vidro como material plástico: transparência, luz, cor e expressão. Tese de Doutoramento. Universidade de Aveiro, Portugal.

Para além de.... Almeida, T. (2019) Exposição de vidro e sobre o vidro. (RE)pensar o ensino. 12ads edições. ISBN: 978-989-54417-6-1W

ANA MARGARIDA ROCHA
ANA TEIXEIRA
ANDREIA PEREIRA
BÁRBARA JASMIN
CASSANDRA PEREIRA
DANIELA PINHEIRO
DANIELA RIBEIRO
DOMINGOS ALVES SÁ
JOANA SILVA
JOÃO FREITAS
MARIANA PEREIRA
MARTA BELKOT
MIGUEL MATOS GOMES
PARINAZ FAGHIHI
PAULO LOURENÇO
SABINA COUTO
SANDRA LARANJEIRA
VERA SOARES



ANA MARGARIDA ROCHA

FBAUP, VICARTE

Fluxus I, 2016

Pintura e transferência
de imagem sobre vidro
22 x 22 cm

A água é um elemento primordial que transporta, assimila, impregna e dissolve substâncias. É o meio, por excelência, onde se pode extrair o movimento da coisa movida, ou a mobilidade do próprio movimento. Cava, talha, molda, a rocha e o solo. Manifesta o tempo, a mutabilidade, a transitividade. Também para a pintura, funciona como veículo para os pigmentos, como ligante, diluente, favorecendo passagens, osmose e fusões de formas. A série "Fluxos" desenvolve-se a partir de aproximações conceptuais ao mapeamento, aos estratos geológicos e às imagens aéreas de cursos e massas de água. A transparência do substrato vítreo recebe e congela os registos, as marcas dessas forças naturais.

Ana Margarida Rocha nasceu no Porto em 1990. Licenciada em Artes Plásticas, Ramo Pintura, FBAUP (2012). Mestre em Pintura, FBAUP (2014). Expõe regularmente como artista plástica desde 2010. Recebeu o Prémio Viana de Lima em 2015. Integrou a Unidade de Investigação VICARTE - Vidro e Cerâmica para as Artes, grupo de investigação Contemporary Materials and Creativity no projecto "Vidro e impressão, monoceduras sobre superfícies vítreas", com bolsa de Investigação NOVA.ID.FCT (2015-2016). Encontra-se atualmente a frequentar o Doutoramento em Artes Plásticas na FBAUP, e é investigadora da VICARTE UNL/FCT.



ANA TEIXEIRA

FBAUL

Sem título, 2018

Casting de vidro e ardósia
40 x 25 x 5 cm

Os presentes trabalhos assinalam um caminho que se desdobra tanto pela escultura, como pela fotografia: o que começou por ser uma exploração das particularidades relativas a cada matéria-prima escolhida transformou-se numa assimilação ou apropriação do mundo exterior, culminando na formação de uma nova essência para as peças enquanto obra artística. As esculturas acolhem para si valores de leveza, subtileza e robustez na exploração ideológica da oposição entre o frágil e o resistente/estrutural, que sustenta noções de limiar, ciclo e sucessão. As fotografias divergem para outra perspetiva: as peças de vidro, ao serem encaradas como mutáveis e permeáveis ao meio que as rodeia, acabam por constituir com o espaço envolvente um sistema aberto e dinâmico, um todo que opera sobre as possibilidades idealizadas para traduzir a obra. As obras revelam configurações de estados de corpo das peças, em que lhes é associada uma luz singular, que sugere, por sua vez, um “corte” no espaço, uma delimitação, como se de um desenho se tratasse. Constituiu-se como objetivo a procura de uma dimensão evocativa, capaz de proporcionar ao espetador experiências sensíveis, imaginativas e percetuais.

Ana Teixeira nasceu em Setúbal no ano de 1998. Reside e estuda em Lisboa na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, onde frequenta, neste momento, a Licenciatura de Pintura. Participou nas seguintes exposições coletivas: dia das belas-artes, na Faculdade de Belas-Artes de Lisboa (2017); 12o edição das GAB-A - Galerias Abertas da Faculdade de Belas-Artes, Lisboa (2018); A viagem não acaba nunca, na Sala Multiusos da Biblioteca Municipal José Saramago, Almada (2018); Imersivo | Immersive (S&I Media 2018 Exhibition), na Sociedade Nacional de Belas-Artes, Lisboa.



ANDREIA PEREIRA

FBAUP

Tornar interior o exterior, 2019

Patê-de-Verre

52 x 32 cm

“Tornar interior o exterior” faz parte de um trabalho artístico que tem sido desenvolvido em torno da relação do homem com a natureza onde a experiência sensorial é o principal exercício de estudo, segundo a qual a construção parte tanto de um exercício de fragmentação assim como de simbolização da realidade.

O isolamento dos pequenos elementos procura uma proximidade que remete à conexão com o estado natural da espécie e a um exercício de observação para com os fragmentos que exibem particularidades de uma existência. As expressões naturais da “pele” das árvores mostram a relação de milhares de anos desenvolvida em sintonia com o ambiente natural onde vivem.

A experiência sensorial dada pelo contato direto com a natureza e trazida em objeto procura não só a aproximação da vivência com o natural mas também da sua defesa.

Andreia Pereira (n.1994), natural de S. Paio de Oleiros. Licenciada em Pintura pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. Em 2019 participa na exposição “Presenças” na Galeria A'parte, Rua Miguel Bombarda no Porto; “Exposição em vidro e sobre o vidro” no Palacete Santiago, Museu Alberto Sampaio em Guimarães; “Pintura ou Não-Pintura”, FACE, no Museu Municipal de Espinho. Em 2018 integra a exposição “Diálogos com Amadeu” na Galeria Olívia Reis em Espinho; “No Interior” na Casa da Cultura, Museu da Escola de Ribeira de Pena e “Prolepse” em oMuseu, na Fbaup. Em 2017 colabora no International Congress on Contemporary European Painting, FBAUP.



BÁRBARA JASMIN S

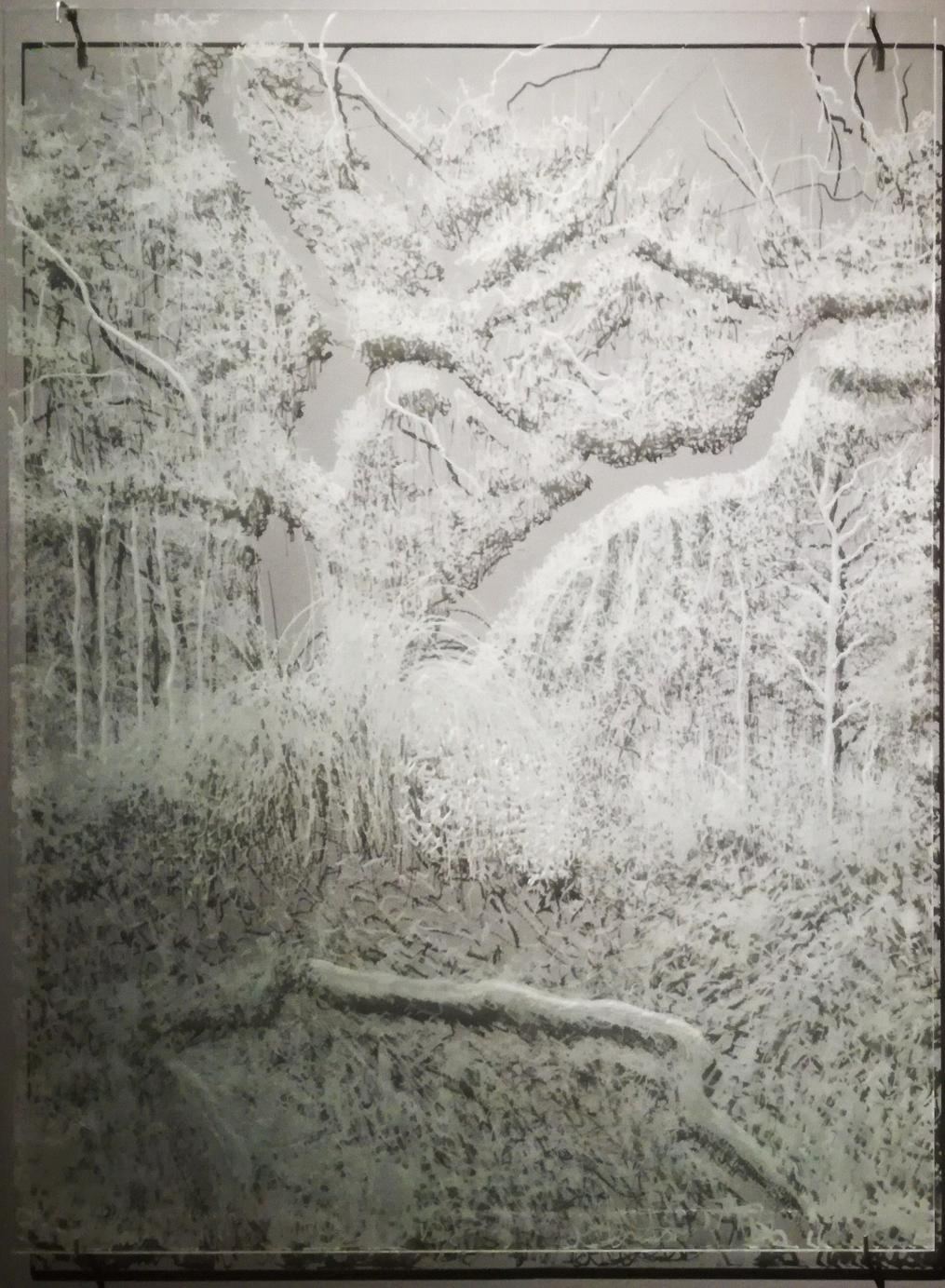
FBAUL

Dima, 2018

Pedra de basalto e vidro de garrafa
19,50 x 11,50 x 12 cm

O meu trabalho, conceptualmente, origina de enigmas existencialistas. Por conseguinte, a nível formal, germina uma espécie de informidade ocultista. Sendo que, na sua essência percorre organismos de relação com a realidade, foi despoletada a curiosidade de encontrar a origem recetora dessa mesma aparência – os sentidos. A visão foi o sentido mais próximo a ser interrogado. Desde a sua privação (cegueira) até à sua variada complexidade – diferente de ser para ser – sendo que a perceção ocular nos oferece a possibilidade de vermos a mesma coisa, mas de maneiras diferentes. Nesta conjugação de pensamentos nasce uma meditação ativa no ato de criar, onde a matéria assume o estatuto do irreconhecível. O vidro é a matéria mais delicada que trabalho. Coopero com a sua fragilidade para envolver e articular noutras matérias e criar diversas tensões visuais. É intencional a difusão visual provocada pelo conjunto matérico, este que geralmente é proveniente da mesma família, como a pedra vulcânica ou areia. O Negro “recepta” – personifica uma espécie de véu anterior à luz do dia, unificando todas as formas numa só. Este empenho em apresentar o que não é conhecido, também colabora com a “visão” dos cegos - os que percecionam o mundo no seu pensamento.

Bárbara Jasmins, Ponta Delgada, 1994. Vive no concelho de Lisboa e estuda em Lisboa. Atualmente no 4º ano do curso de Pintura na Faculdade de Belas Artes de Lisboa. Exposições: “Rostos do Poder Local”, Lagoa, São Miguel, Açores, 2013. GAB-A - FBAUL - 12ª edição das galerias abertas 2018. GAB-A - FBAUL - 13ª edição das galerias abertas 2019, exposição coletiva Prémio SGPCM.



CASSANDRA PEREIRA

FBAUP

Sem título, 2018
Gravação sobre vidro
80 x 60 x 0,5 cm

Natureza é uma rede e um organismo pulsante que quando começa a desfiar todas as partes são prejudicadas. É certo afirmar que grande parte, e não somente, dos desastres ecológicos são fruto de políticas de desenvolvimento económico inadequadas. E como tal, a natureza nunca se deparou com uma alteração tão drástica e rápida. O trabalho assenta na ideia de um ciclo de perda, recuperação, perda, que desencadeia ou a transformação ou a regeneração. Os conceitos de degeneração e autorregeneração incorporam esse ciclo. Ao olharmos para o mundo que nos rodeia podemos ver que a Humanidade provocou uma destruição de recursos e dizimação de espécies, de tal ordem que, um dia a Terra poderá degenerar em algo semelhante a um terreno danificado cheio de resíduos. O ser humano, por entre a cacofonia do progresso, parece esquecer-se, depender do sistema biológico e geoquímico da Terra, perturbando estes sistemas, criando um ambiente insalubre, e colocando inevitavelmente a sua existência a oscilar no frágil equilíbrio da sobrevivência. A obra consistiu na captação de uma parte da natureza na qual, do meio da confusão, ergue-se a matéria diversa e mutável que segue o seu processo de regeneração, acentuando a dinâmica vital da árvore.

Cassandra Pereira; Nasceu 1996 em São Pão de Oleiros, Portugal. Licenciada em Artes Plásticas, Ramo de Pintura pela FBAUP. A frequentar o Mestrado em Artes Plásticas- Ramo Pintura pela FBAUP. Em 2017 e 2019 colaborou no International Congress on Contemporary European Painting, Faculdade das Belas Artes, Universidade do Porto. Foi, também no mesmo ano, membro da Comissão Organizadora e Comissão Editorial da exposição "Não é sujo é nevoeiro", oMUSEU FBAUP. Em 2018 integrou nas exposições coletivas "No Interior", Curadoria de Domingos Loureiro, José Carlos Paiva e Nuno Faria Costa, Casa da Cultura Museu Escola, Ribeira da Pena; "Specularis - Looking Through" Comissariado por Graciela Machado e Teresa Almeida, Museu de Alberto Sampaio, Guimarães. Em 2019 participou na 3ª Bienal de Arte Internacional de Gaia e na 5ª Bienal Internacional de Arte de Espinho.



DANIELA PINHEIRO

FBAUP

Subtrações Cromáticas: um processo de adição formal, 2016
Vidro em fusão parcial
50 x 183 cm

Em “Subtrações Cromáticas: um processo de adição formal” as várias placas de vidro — que estruturam as duas peças — reorganizam-se entre uma dinâmica de acumulação de camadas e uma subtração cromática, que induz gradualmente uma aproximação a tons térreos e escuros. Lateralmente, a espessura das placas vítreas deixa trespassar as cores que estão na base das tonalidades do plano frontal: amarelos, azuis, vermelhos e/ou verdes. Placa sobre placa, o díptico “Subtrações Cromáticas: um processo de adição formal” formula-se entre avanços e recuos: a acumulação objetiva de várias formas geométricas revela uma contínua, mas ponderada subtração cromática pela adição.

Daniela Pinheiro (Leiria, 1994). Com Mestrado em Pintura (2018) e licenciatura em Artes Plásticas, ramo de Pintura (2016) pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, a artista vive e trabalha atualmente no concelho da Batalha, Leiria. Em 2019, foi distinguida com o Prémio Alexandre Viana de Lima e, até ao momento, conta com várias exposições no âmbito nacional e internacional, apresentando propostas artísticas na área do Vidro e da Pintura: (2019) “Nada muda de forma como as nuvens, a não ser os rochedos”, Casa Plástica: Edifício EDP, Leiria; “Medir o Tempo e Contar o Espaço”, Galeria APARTE, Porto; (2018) “Vidrio Artístico Contemporáneo en Portugal”, Museo Tecnológico del Vidrio, Fábrica de Cristales de la Granja, Segóvia, Espanha; e “Masters Salon Painting 2018”, Antwerp, Bélgica.



DANIELA RIBEIRO

FBAUP

41°09'03.2"N 8°38'52.0"W, 2017

Patê-de-Verre
35,5 x 23 x 4 cm (cada)

"Degradação", "marginalização" ou até mesmo "transgressão urbana", são algumas das palavras que nos vem à mente quando se fala no Aleixo. Tendo como referentes visuais as icónicas torres deste bairro, estas peças de vidro pertencentes à série 41o09'03.2"N

8o38'52.0"W procuram evidenciar os problemas que se criaram na arquitectura habitacional social modernista e que levaram ao seu falhanço. Devido à sua localização (numa zona descentralizada, à margem da dinâmica da cidade) e à sua tipologia em torre, com uma pequena ocupação de espaço de solo, compensada com uma grande ocupação em altura (acabando por haver uma sobrelotação das torres e, por consequente, transformando-se num lugar de difícil controlo), este modelo de urbanização acentuou ainda mais as diferenças sociais de uma população desfavorecida que estava habituada a viver no centro da cidade, e que se viu obrigada a mudar-se para a periferia. Ao longo dos anos, a sua (falta de) preservação remeteu para um tipo que edifício que apesar de não estar abandonado no sentido mais estrito da palavra, fez transparecer o "esquecimento" por parte das entidades oficiais que tinham como dever preservar e manter o bairro, e por isso, quer a vida das populações quer os próprios edifícios ficaram abandonados ao seu destino.

Daniela Ribeiro (n.1994). Licenciada em Artes Plásticas - Ramo de Pintura, FBAUP (2016). Mestre em Pintura, FBAUP (2018). Entre outras exposições, destacam-se: [2019] - "5a Bienal Internacional de Espinho" - Museu Municipal, Espinho; "Exposição em Vidro e Sobre Vidro" - Palacete Santiago, Guimarães; "Medir o Tempo e Contar o Espaço" - Galeria AP'ARTE, Porto. [2018] - "Estratificações do Tempo" - Galeria Cozinha, FBAUP; "Specularis - Look Through" - Museu Alberto Sampaio, Guimarães; "Vidrio Artístico Contemporáneo en Portugal" - Museo Tecnológico del Vidrio, Espanha. [2017] - "Boa Hora" - Museu FBAUP. [2016] - "XXIX Salão de Primavera/Prémio Rainha Isabel de Bragança" - Galeria de Arte do Casino Estoril, Lisboa (Menção Honrosa).



DOMINGOS ALVES SÁ

FBAUP

Tendência III 2019
Pâte-de-verre
57 x 42 x 5 cm, 3Kg

A vontade de criação de peças de vestuário sempre existiu em mim. A criação da minha própria roupa tem estado sempre presente nos meus pensamentos. Frequentemente pinto as T-shirts que visto. O mundo da moda, do design de moda, as suas tendências, são um mundo fascinante e que está muito ligado às artes. E nada melhor para homenagear esta minha paixão e esta área, do que com o desenvolvimento de algumas peças de vestuário em vidro. Utilizando técnicas e vidros diferentes, desenvolvi estas três esculturas, que são um ponto de partida para explorar este tema numa forma mais profunda.

Nascido de uma família pobre e sem condições, cedo e apenas com o 5º ano, tive que abandonar a escola e ir trabalhar. Recomeçou a estudar aos 45 anos e concluiu a licenciatura em artes plásticas, escultura aos 55 anos. Desde sempre se dedicou ao mundo das artes, com especial incidência na pintura, onde trabalhou durante várias décadas como auto didacta. Depois da entrada na faculdade, a escultura tomou lugar definitivo como a sua principal forma de intervenção artística.



JOANA SILVA

VICARTE

17_#Gareu, 2017

Vidro soprado, encamisado com
várias cores

Vidreiro: Cláudio Duarte
68 x 12 x 8 cm, 3,5 Kg

A excelência do sopro. No encontro de dois mundos, nasce o objeto. Simples e subtil, a matéria, transmite uma sensação de paz e harmonia com o espaço envolvente e com o seu próprio eu. Uma obra delicadamente concebida. É o desabrochar de um encontro do tradicional e conceptual.

Coordena um Centro de Formação Profissional na Área do vidro desde 2011 – CENCAL – Centro de Formação Profissional para a Indústria Cerâmica, Pólo Marinha Grande. De 2008 a 2011, Técnica de Vidro Artístico no CRISFORM – Centro de Formação Profissional para o Sector da Cristalaria, Marinha Grande.

Atualmente, Mestranda em Arte e Ciência do Vidro e da Cerâmica na Faculdade de Ciências e Tecnologia Universidade Nova de Lisboa. Licenciada em Design Cerâmica e Vidro no IPL – Escola Superior de Artes e Design, Caldas da Rainha. Curso Profissional Operações de Transformação do Vidro – Vidreiros, no Crisform.

JOÃO FREITAS

FBAUP

Sem Título 1, 2019
Serigrafia sobre vidro
43,5 x 14,5 cm

Nasceu em 1997 no Porto. Natural da Sé do Porto. Vive e estuda no Porto. 2018 Convidado a orientador de workshop "Carvão Vegetal e Mineral" na Escola Artística Soares dos Reis. 2015/19 Licenciatura em Pintura na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. 2015 Conclusão do ensino secundário pela Escola Secundária Clara de Resende. EXPOSIÇÕES COLECTIVAS 2019 O vidro nas artes plásticas – (Re)pensar o ensino, Palacete de Santiago – Museu Alberto Sampaio, Guimarães. 2018 D'Après Abel Salazar, Sala de Exposições da Reitoria UP, Porto Epilogo, Pav.Escultura Sala 302, FBAUP, Porto. Desenhar na incerteza - Do processo ao projeto, OMuseu, FBAUP, Porto. 2017 O Corpo Transparente, Foyer do Salão Nobre, ICBAS/FFUP, Porto 2015 Fresh Meat from Clara, Palácio das Artes, Porto.



MARIANA PEREIRA

FBAUP

Ainda Amarelo, 2019
Pigmento sobre vidro
50 x 70 cm

A expressão da memória, durante o processo de realização da pintura, surge como consequência de um afeto ou desafeto visual de situações que a autora tenta transferir para o suporte. O retorno à condição humana, desde o momento em que se nasce, essa nostalgia do início de qualquer vida de um ser – como a proteção que é a barriga mãe que nos acolhe até ao momento em que nascemos, e a posição fetal que assumimos – surge, no trabalho, através da proximidade à forma oval, (semi-) circular ou arredondada. Sendo que, essa mesma forma obtém uma componente simbólica; como o início de qualquer coisa associado à vontade, que muitas vezes nos acompanha, de querer voltar à estaca zero; adquirindo a intencionalidade de concretizar: a vontade de querer voltar à “cápsula” ou de querer fazer voltar para trás alguma situação ou desejo. Esse simbolismo poderá, também, ser descrito como um recuo à sensação de como quando abrimos um invólucro pela primeira vez.

Mariana Esteves Pereira (Aveiro, Portugal, 1996) concluiu o curso superior de Artes Plásticas – ramo de Pintura, na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto em 2018, encontrando-se, de momento, a desenvolver um projeto de Mestrado na mesma área e instituição. Entre a Pintura, o Têxtil e o Vidro, tem vindo a expor individual e coletivamente desde 2016. Individualmente, destaca-se a exposição “Origem” (2016) no Arquivo Municipal da Murtoza. Coletivamente, destacam-se as exposições “Prolepse” (2018), no Museu da FBAUP, no Porto, e, recentemente, “Exposição em Vidro e Sobre o Vidro” no Palacete de Santiago, em Guimarães.



MARTA BELKOT

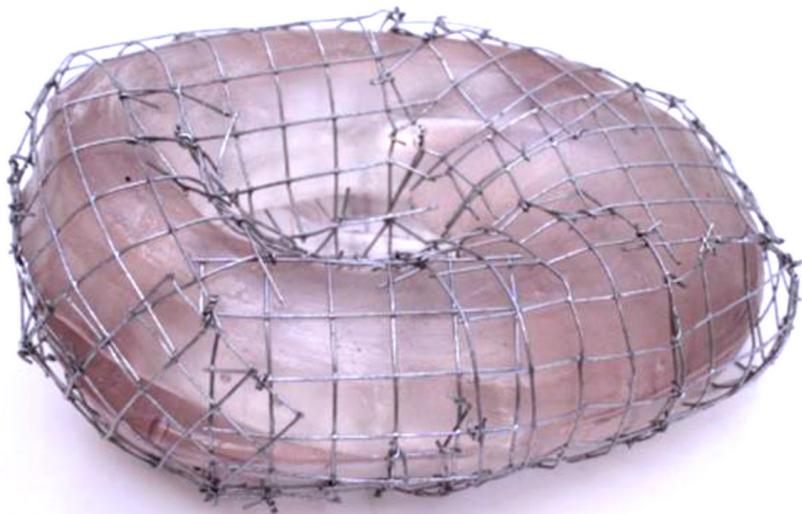
FBAUP

Rezar, 2018

Imagem sobre vidro
124 x 100 cm

Projeto sobre solidão e saudade inspirado pela minha tia Eryka. Ela tem 85 anos e vive sozinha na Polónia. Enquanto eu estava lá a viver, passava pelo menos uma noite por semana na casa dela. Ao viver cá, o nosso contato reduz-se a telefonemas difíceis face aos seus problemas auditivos. Habitualmente gravava a voz dela. Destas gravações comecei a escrever um livro – o qual, anos passados, reencontrei. – “Se ninguém vem cá durante vários dias, canto e rezo. Rezo muito.” Se o fizer, ela acredita que pelo menos alguém estará a ouvir. O rosário serve este propósito. Comecei a procurar por pedras de forma arredondada à beira-mar representativas do rosário (vídeo). Enquanto as reunia, eu própria rezei o rosário. Para a execução do projeto obtive uma imagem em vidro usando soluções fotossensíveis, através de uma composição de quatro imagens ligadas a uma só, representando cada estação do ano. Expondo-a no chão, pretende-se que o observador repita o mesmo movimento que fiz para apanhar cada uma das pedras.

Nascida em 1989 em Tarnowskie Góry, Polónia. Com licenciatura e mestrado integrado em Gravura e Desenho na Academia de Belas Artes de Katowice, estudou também na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto e na Academia de Belas Artes de Lodz, Polónia. Na mesma área, realizou um estágio profissional na Universidade do Porto. Como artista visual, cria objetos, desenhos, fotos, filmes e grafismos.



MIGUEL MATOS GOMES

FBAUP

Exoesqueleto.1, 2019

Casting de vidro e malha de arame
8 x 11 x 18 cm

A elipsoide como reminiscência da infância, o fascínio pelas grandes máquinas voadoras, o gigante do esqueleto de ferro entrelaçado e de superfície geométrica.

Miguel Matos Gomes, nascido em Lisboa em 1971. Licenciado em Arquitectura pela Universidade Lusíada em 1995 e em Ciências da Arte e do Património em 2019 pela Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa. A par da prática da arquitectura desenvolve a criação de objectos escultóricos, desenhos e fotografia.



PARINAZ FAGHIHI

FBAUP, VICARTE

A Bird in the Garden, 2016

Patê-de-Verre

45 cm Ø

Este trabalho foi realizado na oficina de vidro da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto em 2016. "A Bird in the Garden" é inspirada pela obra de Bordalo Pinheiro (1846-1905). A técnica de Pâte-de-Verre é escolhida para este trabalho como forma de demonstrar a delicadeza e força dos grânulos de vidro, que derretem e fundem, enquanto a obra é criada.

Parinaz Alsadat Faghihi (1985), é doutoranda em Belas Artes na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. Obteve licenciatura e mestrado em Pintura na Universidade de Arte de Teerão. Começou a frequentar o doutoramento em Belas Artes na Faculdade de Belas Artes da Universidade Porto, em janeiro de 2014, com bolsa FCT. Participou em várias exposições individuais e coletivas no Irão, em Portugal e Espanha, e participou de várias conferências internacionais.



PAULO LOURENÇO

FBAUL

City Glass, 2019
Vidro fundido em molde
39 x 31 x 4 cm

Com o objetivo de criar um sólido geométrico, em que parte das suas faces se encontrassem inscritas com quadrículas e retículas representando o traçado das ruas de uma cidade, recorreremos à remediação de duas tecnologias. O vidro, como elemento para a execução do objeto, e a serigrafia para imprimirmos os grafismos do mapa na forma planificada de um paralelepípedo. Estas impressões executadas infinitamente sobre o mesmo suporte e o mesmo registo permitem à imagem impressa sobressair do plano que lhe serve de fundo, revelando-se assim como um baixo-relevo, através do ato obsessivo mas dissimulado da repetição da impressão.

Da montagem desta planificação impressa irá surgir um protótipo ou original do qual será feito um molde de gesso e sílica. O molde será a nossa matriz, o lugar onde alguma coisa é gerada, criada, formada ou enformada. O molde será preenchido com desperdício de vidro e levado ao forno a altas temperaturas; este é o ponto de partida para algo que nasce a partir do contacto com ele, originando um processo de proliferação, mas também, o paradigma de gerar 'semelhança por contacto' implícito no gesto que preconiza a fusão do vidro em contato com molde.

Paulo Lourenço, Lisboa (1965). Em 2016, concluiu o Mestrado em Pintura na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa. Desde 2001 realizou uma dezena de exposições individuais e participou em mais de cem exposições coletivas em Portugal, Brasil, África do Sul, França, Espanha, Itália, Dinamarca, Holanda, República Popular da China, Polónia e Japão. PRÉMIOS: 2015 Espanha, Cáceres, 1º Premio da VI Bienal Iberoamericana de Obra Gráfica Ciudad de Cáceres. 2009 Beja, Menção Honrosa, (Museu Jorge Vieira), XVII Concurso/Exposição Galeria Aberta. 2007 Lisboa, Medalha de Bronze do I Salão de Artes Plásticas de Portugal. Beja, Menção Honrosa, (Museu Jorge Vieira), XV Concurso/Exposição Galeria Aberta. 2004 Évora, Prémio Exposição Individual do 4º Festival Internacional de Évora - Bienal Internacional.



SABINA COUTO

FBAUP

Eucalyptus Glóbulos, 2019

Pintura sobre vidro
58,5 x 47,5 cm

A criação artística aqui desenvolvida é estimulada e convocada pela natureza que desperta uma necessidade de caminhar pela floresta e um envolvimento direto com as matérias que esta contém. A floresta é percecionada através de todos os sentidos e a partir de um corpo que se envolve, sente, aproxima, afasta e enfrenta esse lugar, que nos comove e atinge fisicamente e mentalmente. Experiência que estabelece uma relação formal e concetual no diálogo entre o autor e a matéria, e entre a matéria e a paisagem. É uma vivência de conforto, proteção e simultaneamente de confronto, na qual estão presentes experiências passadas que fazem parte de nós e do próprio espaço. Assim, o lugar contém algo que é essencial, na qual há uma relação de maior contato, desde a forma como se envolve, como é percorrido e sentido. Tudo isto possibilita uma relação de proximidade, intimidade e ligação com a natureza, promovendo um processo de forte componente espiritual, espaciotemporal e fenomenológico. Sendo a intenção, essencialmente exprimir a partir do desenho/gesto uma experiência pessoal com a natureza, a sua energia e essência.

Nasceu em 1993, em Marco de Canaveses e trabalha no Porto. Licenciada em Pintura, 2015 e Mestre em Pintura na FBAUP, 2017. Workshop em sand casting: VICARTE, Lisboa, 2015 e de maçarico no Cencal da Marinha Grande, 2018. Menção honrosa no Prémio Cármen Miranda, Marco de Canaveses, 2016 e o Prémio de Mérito Alexandre Viana de Lima, Esposende, 2018. Exposições: 2018, "Internamente" Hospital da Prelada, Porto; "Deslocamentos Poéticos" Sala de Exposições Angelita Stefani, Brasil. 2017, "A essência da Matéria" Museu FBAUP; "Contemporâneos VI - Vidro Artístico Contemporâneo Português" e "Bordalo Pinheiro 170 Anos Depois" Museu do Vidro, Lisboa. 2016, Museu Municipal Cármen Miranda; "Insert Mobility", CEiiA _ Matosinhos; "Bordalo Pinheiro 170 Anos Depois" Reitoria da UP; 2015, "Vê lá se me apanhas" Museu FBAUP; "Extra Vaza Mente" Palacete Pinto Leite; "Oh! UAU!" Fórum Cultural de Ermesinde; "Mostra UP", Porto. 2014, "Pausa" Edifício AXA, Porto; 2012.



SANDRA LARANJEIRA

FBAUP

Simbiose, 2017
Kilncasting
Dimensões variáveis

O corpo humano é resultado de diversos ataques, do próprio corpo que caminha para decadência e do mundo exterior que nos acometa com forças imensas e implacáveis. Desta forma, este corpo é invadido quer queira ou não, só lhe cabe a ele decidir se luta contra os factores adversos ou faz deles seus companheiros na sua existência.

Sandra Laranjeira licenciada em Artes Plásticas- Pintura e Mestre em Desenho e Técnicas de Impressão pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. Frequento atualmente o Mestrado em Ensino de Artes Visuais da Universidade do Porto. O meu trabalho é uma reflexão sobre os arquivos reais e imaginários em constante movimento, que possibilitam a criação de diversos trabalhos independentes mas em contaminação mútua.



VERA SOARES

FBAUL

Simbiose, 2017
Kilncasting
Dimensões variáveis

O processo artístico surge da constante reflexão acerca da relação entre Homem e Natureza, e do modo como olhamos e habitamos o mundo. É relevante no desenvolvimento criativo a exploração de formas e elementos naturais, das suas características mutáveis e regeneradoras, e do que há de visível na passagem do tempo. A partir disto, nasce o interesse na questão da preservação – a ideia da compressão do tempo e da história de um objecto ou ocorrência, transformando isso em algo físico, como se se tratasse de uma fossilização; existe, então, uma dicotomia entre o que é efémero e o que é permanente. Esta peça, cujas formas suaves e tons opalescentes contrastam com a fisicalidade e presença do vidro, cristaliza os vestígios temporais do seu elemento de origem. A sua matéria, que aqui actua como um modo de registo tangível e sensorial, permite uma nova leitura do visível, e a sua mutabilidade relaciona-se com a ideia de um mundo que está em constante mudança, o que abre diversas possibilidades de interpretação.

Vera de Serpa Soares nasceu em Portalegre em 1996. Estudou Artes Visuais na Escola Secundária S. Lourenço, em Portalegre. A par disto, dedicou-se também à música, tendo concluído o 8o grau em violino na Escola de Artes do Norte Alentejano. Actualmente, reside e estuda em Lisboa, na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, estando neste momento, no 4º ano da licenciatura em Pintura. Participou na 12a edição das GAB-A – Galerias Abertas das Belas-Artes, Lisboa (2019), Os paraísos não são todos iguais, exposição colectiva na galeria da Associação de Estudantes da Faculdade de Belas-Artes, Lisboa (2019).

